

**CATEGORIZAÇÃO VERBAL:  
AVALIANDO EMPIRICAMENTE  
A CATEGORIZAÇÃO ARISTOTÉLICA**

*Jéssica Cassemiro Muniz dos Santos (UFRJ)*  
[cassemiromuniz@hotmail.com](mailto:cassemiromuniz@hotmail.com)  
*Diogo Oliveira Ramires Pinheiro (UFRJ)*  
*Cassemiro Muniz dos Santos (UFRJ)*  
[cassemiromuniz@hotmail.com](mailto:cassemiromuniz@hotmail.com)

Os estudos cognitivistas em semântica lexical se baseiam hoje em dois pilares: o viés polissêmico e o questionamento da definibilidade clássica (ou da categorização aristotélica). A linguística cognitiva conta com uma sólida tradição de trabalhos que enfatizam o fenômeno da polissemia (LAKOFF, 1987; TYLER; EVANS, 2001; 2003 e SOARES DA SILVA, 2006, dentre muitos outros). Entretanto, pouquíssimos estudos se dedicam empiricamente ao questionamento da definibilidade clássica. Diante dessa lacuna, este trabalho objetiva verificar empiricamente a validade do ideal de definibilidade clássica. Para isso, investigamos a semântica de três verbos do português brasileiro que expressam os chamados “eventos de separação” (MAJID et alii, 2007): “cortar”, “quebrar” e “rasgar”. Como ferramenta metodológica, utilizamos o instrumento desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística (Nijmegen, Holanda): um conjunto de 61 vídeos curtos nos quais são encenados eventos de separação, isto é, cenas em que ocorre a separação de objetos ou partes de um objeto – por exemplo, cortar uma cenoura, rasgar um tecido ou quebrar um prato. O experimento realizado consistiu em solicitar que 49 falantes nativos do português brasileiro descrevessem oralmente as cenas a que assistiram nos vídeos. A previsão era a de que não seria encontrado um conjunto de propriedades semânticas que fossem, ao mesmo tempo, necessárias e suficientes para definir cada uma das três categorias verbais. De maneira geral, os resultados obtidos ofereceram confirmação empírica para a rejeição às categorias aristotélicas na língua. Por outro lado, o estudo sugere que categorias lexicais com estruturação clássica não são inexistentes, embora pareçam ser bastante restritas. Vale destacar que tais resultados se aproximam dos resultados obtidos por Geeraerts (2006) em seu estudo sobre peças de vestuário no holandês.